

As diferenças entre 87 e 88

No clima de depressão que a sociedade brasileira está vivendo, era inevitável que surgissem previsões segundo as quais "em 1988, vamos ter saudades de 1987", numa insinuação de que os problemas econômicos se agravarão no ano que começa. Uma comparação ampla entre o final de 1986 e o final de 1987, no entanto, ajuda a verificar a correção, ou não, dessas previsões pessimistas. Ponto por ponto, eis o quadro da economia brasileira nos dois períodos em discussão:

Inflação — no final de 1986, com o prolongamento do período de congelamento do cruzado, havia perspectivas de uma explosão inflacionária. Desde outubro, principalmente, a prática do ágio e do mercado negro se alastrava por todos os setores, indicando que mais cedo ou mais tarde os índices de inflação teriam que refletir a carestia real, e altíssima. Já em dezembro e janeiro a disparada inflacionária começava a ficar patente, tendência que se acentuaria no começo do segundo trimestre, diante do temor a novo congelamento, por parte das empresas. O quadro é radicalmente diferente, neste final de 1987. Desde agosto/setembro que os preços vêm sendo liberados, ou reajustados mensalmente, não há em restímo, preços "represados", que justificassem uma explosão inflacionária, como se observa no final de 1986 e início de 87.

Estatais — representavam ameaçador foco inflacionário, como efeitos duplo sobre o índice de preços, no final de 1986. Primeiro, porque os preços de seus produtos e serviços (aço, petróleo, energia etc.) Estavam ou congelados ou violentamente defasados, ampliando o "rombo" das



empresas o que ampliava também o "rombo" do tesouro, com efeitos inflacionários a médio prazo. Segundo, porque se sabia que mais cedo ou mais tarde teriam que ser reajustados, com impacto direto sobre as taxas de inflação. Nada disso ocorreu este ano.

A defasagem em relação aos derivados do petróleo já foi totalmente corrigida, e há pequena defasagem, que vem sendo corrigida em "parcelas mensais", para energia elétrica e telefone, ou mesmo o aço o inúcio a apresentar ainda uma defasagem maior.

Juros internacionais — com tendência de alta desde o final de 1986, entraram em escala no primeiro semestre de 1987, agravando os custos financeiros das estatais brasileiras (responsáveis por 60% a 70% da dívida externa nacional), isto é, causando inflação aqui dentro. Começaram a cair, neste segundo semestre de 1987, "desinflacionando".

Petróleo — Também em alta no final de 1986 e passando da barreira dos US\$ 20 o barril nos primeiros meses de 1987. Depois os preços entraram em queda, e hoje o grande

milho). O primeiro trimestre de 1987 ainda foi marcado pelas consequências desse quadro, com pressões inflacionárias na área agrícola.

Somente a partir do segundo trimestre, com a colheita das novas safras, houve tendência a estabilização relativa de preços, que persistiu até o final de 1987, e deverá manter-se em 1988. Há grandes estoques de "sobra" de milho e arroz, e previsão de safras recordes de feijão e soja, sem falar na sobra de leite e carne.

Há portanto grande diferença entre o inicio de 1987 e o de 1988, em relação às perspectivas inflacionárias — e, felizmente, diferenças para melhor. Isto, está claro, quando se leva em conta apenas puramente econômicos. Evidente, há também fatores políticos a serem considerados, como a atuação do próprio Governo, bastante desacreditado, a esta altura. De qualquer forma, a existência de fatores econômicos mais favoráveis pode até contribuir para um desempenho mais correto por parte dos governadores, com resultados melhores em 1988.

Vale a pena torcer por isto — e por um melhor ano.